

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

HIPÓCRATES

JURAMENTO DOS FETOS DE OITO MESES DAS MULHERES INFÉRTEIS DAS DOENÇAS DAS JOVENS DA SUPERFETAÇÃO DA FETOTOMIA

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA (COORD.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Pedro Gomes, Nelson Ferreira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

HIPÓCRATES

JURAMENTO
DOS FETOS DE OITO MESES
DAS MULHERES INFÉRTEIS
DAS DOENÇAS DAS JOVENS
DA SUPERFETAÇÃO
DA FETOTOMIA

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA (COORD.)

AUTORAS:

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA (UNIVERSIDADE DE LISBOA)

CHEILA ISABEL FERREIRA PINTO

COM A COLABORAÇÃO DE:

ORLANDA PÓVOA (para a área de Botânica, ESCOLA SUPERIOR
AGRÁRIA DE ÉLVAS)

JOÃO MALTA (para a área de Ginecologia)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

TÍTULO TITLE

Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia

Oath. Eight months child. Barrenness. Girls. Superfetation. Excision of the fetus

AUTOR AUTHOR

Hipócrates Hippocrates

COORDENAÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO EDITION, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Ana Alexandra Alves de Sousa

TRADUÇÃO DO GREGO TRANSLATION FROM THE GREEK,

Ana Alexandra Alves de Sousa, Cheila Isabel Ferreira Pinto

REVISÃO DOS TERMOS BOTÂNICOS E NOTAS BOTÂNICAS (COM PARTICIPAÇÃO NA INTRODUÇÃO)

REVISION OF THE BOTANICAL TERMS IN THE TRANSLATION AND BOTANICAL NOTES (WITH PARTICIPATION IN THE INTRODUCTION)

Orlanda de Lurdes Viamonte Póvoa

REVISÃO DOS TERMOS MÉDICOS E NOTAS MÉDICAS

REVISION OF THE MEDICAL TERMS IN THE INTRODUCTION AND MEDICAL NOTES

João Malta

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Annablume Editora * Comunicação

www.annablume.com.br

Contato Contact

[@annablume.com.br](https://twitter.com/annablume.com.br)

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Impressões Improváveis

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-1559-2

ISBN Digital

978-989-26-1560-8

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1560-8>

Depósito Legal Legal Deposit

441052/18

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UID/ELT/00196/2013.

© Abril 2018

Annablume Editora * São Paulo
Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

HIPÓCRATES HIPPOCRATES

JURAMENTO. DOS FETOS DE OITO MESES. DAS MULHERES INFÉRTEIS. DAS DOENÇAS DAS JOVENS. DA SUPERFETAÇÃO. DA FETOTOMIA

OATH. EIGHT MONTHS CHILD. BARRENNESS. GIRLS. SUPERFETATION. EXCISION OF THE FETUS

RESUMO

O presente volume contém uma tradução, com uma breve introdução, de cinco tratados hipocráticos de temática ginecológica. Acompanham a tradução notas botânicas e médicas, atualizadas, da autoria de especialistas nas respetivas matérias. Os temas dos tratados são os fetos e a infertilidade das mulheres. A propósito daqueles fala-se de partos difíceis e de nados mortos; e sobre a infertilidade referem-se processos para detetar uma gravidez e descrevem-se procedimentos para promover a fecundação e limpar a matriz em caso de aborto. A equipa que se reuniu para levar a cabo este volume procurou apresentar os tratados hipocráticos com os olhos de Ontem e de Hoje, de forma que se avalie a presença de ideias fantasiosas advindas de um saber oral, de simbologias, de ligações rituais e, ao mesmo tempo, a presença de procedimentos cientificamente válidos.

PALAVRAS-CHAVE

Infertilidade, feto, parto, matriz, fumigação, óvulos, cataplasmas, mel, vinho, cabaça, cucurbitácea, lufa cilíndrica.

ABSTRACT

This book contains a translation, with a brief introduction, of five Hippocratic treatises on gynaecological topics. Botanical and medical notes update the translation. The treatises are about fetuses and women's infertility. Therefore they speak about problematic births and dead fetuses; procedures to detect a pregnancy, promote fertilization and clean the uterus when there is an abortion. The team gathered to carry out this book aimed to present the Hippocratic treatises with the eyes of Yesterday and Today, in order to evaluate unrealistic ideas coming from oral knowledge along with scientifically valid procedures.

KEYWORDS

Infertility, fetus, childbirth, uterus, fumigation, suppositories, cataplasms, honey, wine, lagenaria siceraria, species of cucurbitaceae, Luffa cylindrica

AUTORAS(ES)

Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.) tem Doutoramento em Estudos Clássicos. É Professora Auxiliar na Universidade de Lisboa, onde ensina Grego Antigo, Latim, Cultura Clássica e Literatura Grega. As suas áreas de investigação são Apolónio de Rodes, o *corpus hipocrático* e a receção dos mitos na música erudita. Das suas palestras destacam-se: 1. “Palabras clave en el poema de Apolonio de Rodas”, Universidade Autónoma de Madrid, abril de 2017. 2. “Los Ecos Semánticos en la Epopeya de Apolonio de Rodas: una forma de recrear el género épico”, Universidade Autónoma de Barcelona, dezembro de 2016. Dos artigos e capítulos de livros destacam-se: 1. “A presença de Alceste na música erudita: Eurípides e Gluck, Calzabigi e du Roulet” (2015), in: *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, org. Abel Pena *et al.*. Famalicão: Edições Húmus, 373-382. 2. “Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos” (2013), in: *Vir bonus peritissimus aequae*, eds. Cristina Pimentel e Paulo Alberto. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.
ORCID: 0000-0001-6515-1668

Cheila Isabel Ferreira Pinto tem o curso de Estudos Clássicos, pela Universidade de Lisboa, e concluiu o Mestrado em 2015, com 18 valores. A sua tese intitulava-se *O Feto, o Parto e a Infertilidade no Corpus Hipocrático: Estudo e Antologia de Textos*, sob a orientação de Ana Alexandra Alves de Sousa.

COLABORADORES

Orlinda de Lurdes Viamonte Póvoa é Licenciada em Engenharia Florestal pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, 1995), Mestre em Gestão de Recursos Naturais pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa (ISA-UL, 1999) e Doutora em Engenharia Agrónómica (ISA-UL, 2009). A partir de 2000, exerce atividade docente na Escola Superior Agrária de Elvas do Instituto Politécnico de Portalegre, tendo lecionado nas áreas da botânica, biologia vegetal e ciências florestais. Tem participado em diversos projetos de investigação com financiamento externo, sobretudo na temática da etnobotânica e conservação de recursos genéticos vegetais de plantas aromáticas e medicinais, sendo autora e co-autora de dezenas

de publicações em livros, revistas científicas e atas de eventos científicos nacionais e internacionais.

ORCID: 0000-0001-6302-1552

João Malta. Médico, especialista em Ginecologia e Obstetrícia. Médico no serviço de Ginecologia do Hospital Egas Moniz entre 1989 e 1995. Médico no serviço de Obstetrícia e Ginecologia do Hospital de S. Francisco Xavier entre 1989 e 2002. Assistente convidado da cadeira de Propedêutica Obstétrica e Ginecológica da Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa até à mesma data. Exerce medicina privada em exclusivo desde 2002. Coordenador da unidade de ecografia obstétrica e ginecológica do Hospital CufDescobertas entre 2002 e 2012. Presidente da Comissão de Ética do mesmo hospital durante o mesmo período. Membro da direcção nacional da Associação dos Médicos Católicos Portugueses.

AUTHORS

Ana Alexandra Alves de Sousa (ed.) has a PhD in Classical Studies. At the University of Lisbon, she teaches Ancient Greek, Latin, Classical Culture and Greek Literature. Her research areas are Apollonius of Rhodes, the Hippocratic *corpus* and the reception of myths in classical music. From her lectures stand out: 1. “Palabras clave en el poema de Apolonio de Rodas”, Universidad Autónoma de Madrid, April 2017. 2. “Los Ecos Semánticos en la Epopeya de Apolonio de Rodas: una forma de recrear el género épico”, Universidad Autónoma de Barcelona, December 2016. Of the articles and book chapters stand out: 1. “A presença de Alceste na música erudita: Eurípides e Gluck, Calzabigi e du Roullet” (2015), in: *Revisitar o Mito. Myths Revisited*, org. Abel Pena *et al.*. Famalicão: Edições Húmus, 373-382. 2. “Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos” (2013), in: *Vir bonus peritissimus aequus*, eds. Cristina Pimentel e Paulo Alberto. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.

ORCID: 0000-0001-6515-1668

Cheila Isabel Ferreira Pinto has a degree in Classical Studies, from the University of Lisbon, and completed the Master in 2015, with Very Good. Her thesis was entitled *Fetus, Childbirth and Infertility in the*

Hippocratic Corpus: Study and Anthology of Texts, under the guidance of Ana Alexandra Alves de Sousa.

COLLABORATORS

Orlanda de Lurdes Viamonte Póvoa has a degree in Forestry Engineering from the University of Trás-os-Montes and Alto Douro (UTAD, 1995), a Master's Degree in Natural Resource Management from the Instituto Superior de Agronomia from Lisbon University (ISA-UL, 1999) and a PhD in Agronomic Engineering (ISA-UL, 2009). Since 2000, she works at the Elvas Agriculture High School of the Polytechnic Institute of Portalegre, where she has been teaching botany, plant biology and forest sciences. She has participated in several research projects with external financing, mainly on ethnobotany and conservation of plant genetic resources of aromatic and medicinal plants, authoring and co-authoring dozens of publications in books, scientific journals and proceedings of national and international scientific events.
ORCID: 0000-0001-6302-1552

João Malta. Doctor, specialist in Gynecology and Obstetrics of the Egas Moniz Hospital between 1989 and 1995. Doctor in the Department of Obstetrics and Gynecology of the Hospital of S. Francisco Xavier between 1989 and 2002. Invited assistant of the Obstetrical and Gynecological Faculty of Medical Sciences of Lisbon until the same date. He has been practicing private medicine since 2002. Coordinator of the Unity of obstetric and gynecological ultrasound of the Hospital CufDescobertas between 2002 and 2012. Chair of the Ethics Committee of the same hospital during this period. Member of the national board of the Association of Physicians Portuguese Catholics.

SUMÁRIO

ABREVIATURAS	10
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	15
JURAMENTO (<i>JUSJ.</i>)	37
DOS FETOS DE OITO MESES (<i>OCT.</i>)	41
DAS MULHERES INFÉRTEIS (<i>STERIL.</i>)	57
DAS DOENÇAS DAS JOVENS (<i>VIRG.</i>)	101
DA SUPERFETAÇÃO (<i>SUPERF.</i>)	105
DA FETOTOMIA (<i>FOET.EXSECT.</i>)	129
BIBLIOGRAFIA	135

Juro pelo Médico Apolo, por Asclépio, por Higia, por Panaceia e por todos os deuses e deusas, fazendo deles minhas testemunhas, que hei de levar até ao fim o juramento e este acordo, segundo a minha força e entendimento. Atribuirei àquele que me ensinou esta arte a mesma consideração que aos meus pais; tomarei para mim a vida daquele; trocarei os meus conhecimentos com ele, caso seja preciso; considerarei os familiares dele como meus irmãos; ensinar-lhes-ei esta arte, caso precisem de a aprender, sem salário nem contrato; trocarei ensinamentos escritos e orais e de toda a espécie com os meus filhos, com os filhos daquele que me ensinou e com os alunos inscritos, que juraram pela lei médica, e com mais ninguém.

Recorrerei a tratamentos para ajudar os doentes, segundo a minha força e entendimento; abster-me-ei de lesar a saúde e de ser injusto.

Não darei substâncias letais, mesmo que alguém mas peça; nem darei tal conselho. Também não darei a uma mulher uma cataplasma abortiva¹.

Mas conservarei, de forma pura e sagrada, a minha vida e a minha arte.

Não cortarei os que sofrem de cálculos e cederei o lugar aos homens especialistas nesta prática.

Em quantas casas entrar, entrarei para ajudar os doentes, evitando toda a injustiça e dano voluntários, abster-me-ei de práticas de sedução sobre corpos de mulheres ou de homens, sejam eles livres ou escravos.

¹ A prática de aborto era comum na cultura antiga. King (1998: 139) defende que a restrição enunciada no *Juramento* apenas diz respeito a cataplasmas propriamente ditas. Hanson (1975: 567) considera a existência de incongruência entre a proibição explicitada no *Juramento* e as práticas abortivas descritas nos tratados. Pinheiro (2013b: 490) chama a atenção para o facto de ser frequente o uso de substâncias abortivas e contraceptivas na Antiguidade.

Farei silêncio sobre aquilo que eu vir ou ouvir, no decorrer de um tratamento, ou até mesmo fora dele, ao longo da minha vida, se for imprescindível não o divulgar, contanto que eu considere interdito revelá-lo.

Se levar até ao fim este juramento e não o violar, que me seja permitido desfrutar da vida e da arte adquirindo glória entre todos os homens para sempre. Se o transgredir e perjurar, que eu receba o contrário de tudo isto.

**DOS FETOS DE OITO MESES
(OCT.)**

HIPÓCRATES

Seguimos a edição de Gensemann (1968) apresentada no *Corpus Medicorum Graecorum*, dela divergindo nas lições que listamos no quadro adiante apresentado. Em nota à tradução justificamos a nossa escolha. Consultámos também as edições de Littré (1851), de Joly (1970) e de Potter (2010).

Apesar de seguirmos a edição do *Corpus*, não adoptámos a sequência de parágrafos escolhida por Gensemann (parágrafos nove a treze seguidos dos parágrafos um a oito). A discordância verificada na apresentação do texto deriva do facto de Gensemann seguir o manuscrito que coloca, em primeiro lugar, os parágrafos dez a treze e, depois, os parágrafos um a nove, como explica Potter (2010: 73). Também optámos pela divisão em parágrafos (mancha gráfica) de Potter, que facilita a leitura do texto. Lembremos que não está no âmbito do nosso trabalho estudar a tradição manuscrita do texto. O facto de a opção de Gensemann não ser consensual - Joly aduz vários argumentos para a refutar e Potter considera que a ausência de concordância sobre a questão torna desnecessária uma opção que, no seu entender, apenas causa confusão ao leitor - levou-nos a apresentar o texto seguindo a sequência de Littré, que é a do manuscrito M, como explica Joly (1970: 150, 151).

Na enunciação do título optámos, dada a unidade temática da obra, pela proposta de Gensemann, de Joly e de Potter que consideram todos os parágrafos como um único tratado. Por esta razão, todos os parágrafos são identificados remetendo sempre para o mesmo tratado, *Dos Fetos de Oito Meses*, citados com uma só abreviatura.

LIÇÕES DIVERGENTES DE GENSEMANN

Lição adotada	Lição de Gensemann
ἡνάγκασε (Littré, Joly, Potter) (1)	ἡνάγκασαν

ἐν τ̄ τῆσι μύξῃσι <...> διὰ <ταῦτα> τὴν μοίρην ὁ θάνατος τ̄ ἔλαχεν (9)	ἐν τ̄ τῆσι μίξεσι <...> διὰ τὴν μυρινην ὁ θάνατος τ̄ ἔλαχεν
<ᾶ> (Littré, Joly) (10)	< ᾶ >

1. Os fetos chegam aos sete meses depois de cento e oitenta e dois dias e meio². Se se tiver contado quinze dias do primeiro mês e cento e quarenta e sete dias e meio dos cinco meses seguintes (de facto, cinquenta e nove dias perfazem exatamente dois meses), então, sendo isto assim, na metade do ano ficam a faltar mais de vinte dias para o sétimo mês e mais uma parte do dia que se junta à outra parte³. Quando o feto estiver no início da sua formação final, nascendo na altura certa⁴, adquire força nesse momento mais do que em qualquer outra altura, e as membranas, das quais no começo se nutriu, afrouxam, tal como as das espigas, quando são forçadas antes de o fruto ficar perfeitamente maduro. Os fetos mais fortes e vigorosos pressionam e rompem as membranas, forçando o nascimento⁵.

2. A maior parte destes morre. Os que são pequenos sofrem uma mudança maior do que os outros e, ao saírem da matriz, são forçados a suportar o padecimento de quarenta dias, que mata muitos fetos de dez meses. Alguns fetos de sete meses sobrevivem⁶, poucos entre muitos, porque a proporção temporal, durante a qual foram nutridos na matriz, permite-lhes usufruir de

² No calendário ático o mês tem entre vinte e nove e trinta dias, logo dois meses fazem uma média de cinquenta e nove dias.

³ Mês I: 15 dias; meses II a VI: $147\frac{1}{2}$ dias ($59/2 \times 5$); mês VII (20 dias): 183 dias ($147\frac{1}{2} + 20 + 15 + \frac{1}{2}$).

⁴ O autor faz uma comparação idêntica entre o feto e o fruto no parágrafo 12, utilizando o mesmo verbo, ἀδρύνω, e o radical τελ- para exprimir a conclusão do desenvolvimento.

⁵ A realidade biológica é outra; embora a contagem do tempo de gestação seja diversa da real, compreende-se qual o tema tratado pelos autores do texto: o nascimento de fetos pré-termo. Nestes casos não é o vigor fetal que provoca a rotura das membranas mas vários outros fatores, dos quais o mais significativo será a exposição das mesmas a determinadas estirpes bacterianas vaginais. (JM)

⁶ A mesma ideia se afirma em *Carn.*19, considerando-se que a chave da vida humana é o número sete, já que o feto demora sete dias a formar-se e o homem só morre de fome depois desse período de tempo. Cf. n. 90.

tudo o que usufruem os fetos que estão em fim de gestação e mais aptos a sobreviver; e saem do ventre materno antes de padecerem das patologias do oitavo mês⁷. Se acontecer que a criança seja dada à luz com estes sofrimentos, é impossível que sobreviva por causa dos padecimentos acima referidos, os quais eu afirmo que matam as crianças de oito meses e até muitas de dez.

3. Muitos fetos no sétimo mês de gestação, quando as membranas afrouxam, mudam para a parte que cede e aí se alimentam; sofrem nos primeiros quarenta dias - uns dias mais, uns dias menos - por se terem deslocado do lugar onde se alimentavam e também porque puxaram o umbigo e devido ao sofrimento da mãe. O afrouxamento das membranas e o umbigo repuxado provocam dores à mãe; e o feto, libertado do antigo elo, torna-se mais pesado. Muitas mulheres ficam febris quando isto acontece, outras até morrem com os fetos. Todas se servem de um único raciocínio para falar sobre este assunto: dizem que aos oito meses suportam com muita dificuldade o ventre e têm razão para o dizer⁸. O tempo em questão não é apenas este, também se juntam uns dias do sétimo mês e do nono. Mas quanto a estes dias as mulheres não dizem, nem percebem o mesmo. Enganam-se por isto não ser sempre da mesma maneira e porque, certas vezes, se juntam mais dias do sétimo mês, outras vezes, mais dias do nono para se chegar aos quarenta. Isto depende inevitavelmente da época do mês em que acontecer a mulher ficar grávida. O oitavo mês, pelo contrário, não suscita contestação: a avaliação deste é clara e, como parte que é dos dez meses, é fácil de lembrar⁹.

⁷ A teoria de que os recém-nascidos de oito meses correm maior risco de morte do que os de sete é ainda hoje uma concepção popular aceite. (JM). Também em *Epid.* 2.3.17 se fala dos “sofrimentos dos fetos de oito meses”.

⁸ Descrição dos sintomas de corioamnionite. (JM)

⁹ Note-se a dificuldade em compreender a circulação da unidade

4. É necessário que não duvidemos das mulheres no que toca ao parto¹⁰. Dizem o que sabem e sempre o dirão. Elas não seriam persuadidas nem por factos, nem por raciocínios, de que conhecem o que quer que seja melhor do que o que se passa no seu corpo. Os que querem dizer outra coisa podem sempre fazê-lo, mas as mulheres, avaliando e dando provas decisivas a respeito desta questão, dirão sempre e confirmarão que dão à luz crianças de sete e oito e nove e dez e onze meses, e que destas as de oito meses não sobrevivem, mas as outras sobrevivem. Confirmarão que, na primeira quarentena, ocorre a maior parte dos abortos e o resto que está escrito em cada período de quarenta dias e em cada mês¹¹.

Quando no sétimo mês as membranas em redor se rompem e o feto mudar de posição, sobrevêm sofrimentos que têm origem no oitavo mês e no sexto período de quarenta dias. Ultrapassado este tempo, para aquelas que estão a passar bem, as inflamações do feto e da mãe desaparecem, o ventre fica macio, e a massa¹² desce dos hipocôndrios e dos flancos para as zonas mais baixas, para se preparar para a mudança

feto-placentar, detetável, por exemplo, pela relação estabelecida entre uma alteração do cordão umbilical e as dores maternas. (JM)

¹⁰ Em *Mul.* 1.62 explica-se que as mulheres em quem os médicos confiam são aquelas que têm “experiência das doenças que derivam da menstruação”, além de serem também “mais velhas”. Cf. King (1998: 47-49; 135-138).

¹¹ Cf. *Oct.* 9.

¹² As ocorrências do termo ὄγκος, no *corpus* hipocrático e na literatura grega dos sécs. V-IV a.C., foram objeto de um estudo desenvolvido levado a cabo por Jouanna (1985). A nossa tradução do vocábulo como “massa” reflete as ideias explanadas pelo filólogo, que sublinha a importância de diferenciar ὄγκος, que designa o “volume”, ou “massa” (veja-se, em particular, Jouanna: 36, n. 15), do conceito de “peso”, βάρος. O termo volta a ocorrer, neste tratado, na composição do adjetivo ὄγκωδέστατα, que qualifica a lã acabada de cardar (*Superf.* 8).

abundância. Em seguida, aplica a cataplasma durante o dia, †todas as noites†¹⁰¹. Depois vai ter com o marido.

12 (224 L.). Outro tratamento: pega-se num grande número de folhas de marroio¹⁰², de forma a encher bem a mão, deita-se num vaso ático e vertem-se quatro cótilos áticos¹⁰³ de água potável. Fica a macerar durante nove dias; nos nove dias seguintes, a mulher bebe isto em jejum; depois de se lavar, mistura dois cíatos¹⁰⁴ por dia de marroio com uma parte igual de branco doce¹⁰⁵. Quando já estiver a beber há três dias, recebe uma fumigação com folhas de cicuta¹⁰⁶, que se lançaram sobre o fogo durante nove dias, e, depois da fumigação, lava-se e ingere de imediato a bebida. Depois de ter recebido as fumigações durante três dias, aplica de dia, por três dias, uma cataplasma feita com o próprio marroio finamente moído, e também¹⁰⁷ aplica em mel ático, durante o dia, mercurial¹⁰⁸ finamente moído.

Macara-se no mosto de vinho branco na medida de um cõngio¹⁰⁹ o seguinte: raízes de funcho silvestre¹¹⁰ e de funcho, ramo

¹⁰¹ Seguimos o texto *inter cruces* proposto por Potter (2012).

¹⁰² *Marrubium vulgare* L. Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010: 80) advertem que o uso desta planta pode alterar o ciclo menstrual e pode ter efeitos abortivos. (OP)

¹⁰³ O cótilo corresponde a 0,27 l., logo quatro cótilos seriam aproximadamente um litro.

¹⁰⁴ Um cíato equivale a 0,045 l.

¹⁰⁵ Provavelmente vinho.

¹⁰⁶ *Conium maculatum* L., planta extremamente tóxica. Bown (1995: 286) aconselha a sua manipulação apenas por profissionais qualificados, e fala do seu uso em caso de hemorroidas e de tensão pré-menstrual. (OP)

¹⁰⁷ Seguimos a expressão interpolada que Potter (2012) apresenta para articular os dois complementos diretos. Nesta opção, Potter seguiu a edição de Cornarius (1546).

¹⁰⁸ *Mercurialis annua* L. Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010: 85) referem-na como planta tóxica devido às suas saponinas, sendo utilizada como um purgativo enérgico. (OP)

¹⁰⁹ Medida de capacidade de líquidos que equivale a doze cótilos, *i.e.*, 3,24 l.

¹¹⁰ *Prangos ferulacea* Lindl. Durmaz *et al.* (2006: 1795) comprovaram

de madeira bem resinoso, um quarto de garança¹¹¹, semente de funcho e muitas raízes de verbena¹¹². Macera-se pelo menos durante nove dias. Depois, a mulher bebe, por dia, um cótilo desta maceração pura, enquanto está no banho, derramando água sobre a sua cabeça; depois disto, deita-se, aquece-se e, então, fazendo um intervalo de três dias a seguir à bebida, aplica uma cataplasma feita de bÍlis, durante seis dias.

Quando a mulher, depois de uma boa lavagem, está prestes a ir ter¹¹³ com o marido, fervem-se folhas e raízes de meimendro¹¹⁴ na água e fazem-se-lhe fumigações bem quentes, por três dias, ao cair da noite; e, já lavada, vai ter com o marido. Depois desta fumigação recebe nova fumigação com as partes genitais do veado e, quando se vir que estas estão secas, raspa-se um pouco

a atividade antibacteriana dos extratos desta planta. Ahmed *et al.* (2011: 353) testaram vários extratos e verificaram a sua ligeira atividade antioxidante. (OP)

¹¹¹ *Rubia tinctorum* L. Bown (1985: 343) cita a sua raiz como estimulante uterina; Tavares, Salgueiro e Zuzarte (2010:107) referem-na como colagoga, aperitiva, diurética e emenagoga. (OP)

¹¹² *Verbena officinalis* L. Bown (1985:368) refere que toda a planta é diurética, calmante, promove a lactação, reduz a inflamação e a dor, e controla as hemorragias, melhorando a função do fígado e da vesícula biliar; além disso, ainda é estimulante do útero. Não é recomendada durante a gravidez, mas é útil para controlar as contrações no parto. Na medicina chinesa serve para tratar problemas menstruais e urinários. Calvo (2006: 380) comprovou a sua atividade anti-inflamatória e analgésica; Casanova *et al.* (2008: 93) comprovaram a atividade antioxidante e antifúngica dos extratos da planta. Uma vez que toda a planta apresenta propriedades terapêuticas, não nos parece lógico o recurso apenas à raiz. (OP)

¹¹³ Οπτάμος pela lição προσιέναι proposta por Littré, embora a lição προσεῖναι seguida por Potter não altere o sentido da frase. Mas a ideia de movimento inerente ao verbo πρόσσειμι, “aproximar-se”, é mais adequada ao contexto e tem paralelo noutros passos. A lição προσεῖναι pertence ao verbo πρόσσειμι, “estar junto de”, e carece de movimento.

¹¹⁴ *Hyoscyamus niger* L. Planta extremamente tóxica, podendo causar paralisia e morte, o seu uso deve ser reservado a profissionais qualificados, como explica Bown (1995: 294). (OP)

sobre vinho branco misturado com água, dá-se-lhe a beber por três dias. E, sempre que a mulher sentir dores, dá-se-lhe a beber isto: é um meio de acelerar o parto.

13 (225 L.). Outro tratamento: ferve-se bílis de boi e pedrame de Melos. Mói-se haste de veado queimada até ficar em pó, mistura-se e fazem-se pequenos óvulos.

Outro tratamento: ferve-se cominho em vinho tinto, mói-se finamente, faz-se um óvulo que aplica ao cair da noite. Depois, com uma pena retira-se o mosto do vinho branco (a parte mais fina do mosto), uma vez queimado; em seguida, ata-se a um pano de linho, e ela aplica ao cair da noite; tem de comer alho-porro¹¹⁵ fervido. Depois, ao cair da noite, aplica hipérico¹¹⁶ moído, que se diluiu em mel. Mói-se finamente o fruto de hipérico e dilui-se em vinho branco; dá-se-lhe a beber com raspas de madeira. Depois faz-se-lhe uma fumigação de orégãos durante dois dias e vai ter com o marido.

14 (226 L.). Outro tratamento: se se quiser que uma mulher que não consegue dar à luz tenha uma criança, há que examinar, na altura da menstruação, se está com excesso de bílis ou de secreções. Há que perceber qual dos dois casos é mais provável: lança-se areia fina e seca, quando estiver menstruada, e, ao sol, verte-se por cima uma parte do sangue e, quando

¹¹⁵ *Allium porrum* L., também designado alho-francês. Embora neste contexto a planta seja usada como alimento, muitos alhos têm propriedades medicinais. (OP)

¹¹⁶ *Hypericum hircinum* L. Considerando as características morfológicas desta espécie descritas em Ramos Nuñez (2005: 162), nomeadamente o tamanho dos seus frutos e a distribuição geográfica, acreditamos que se trate do *Hypericum hircinum*, para o qual existem trabalhos que comprovam a sua atividade antimicrobiana, como defendem Pistelli *et al.* (2000: 138), Maggi *et al.* (2010:125); é também antioxidante, explicam Quassinti *et al.* (2013: 862). Segundo o LSJ, também se pode tratar de *Pimpinella tragiium* Vill., para a qual existem estudos que atestam a sua atividade antimicrobiana e antioxidante, cf. Maggio *et al.* (2013: 2338). (OP)

secar, se a mulher tiver secreções amarelas, o sangue seco na areia fica amarelado; se a mulher tiver secreções viscosas, o sangue parece muco. Em qualquer destes casos, limpa-lhe o ventre, tanto por cima como por baixo, consoante te parecer necessário. Em seguida, depois de uns dias, limpa-se-lhe a matriz. Se o orifício da matriz estiver bastante húmido, aplica-se uma cataplasma áspera, para que o orifício, ao ser irritado e inflamado, fique duro.

15 (227 L.). Se a mulher não tiver febre interiormente¹¹⁷ e não engravidar por causa do estado da matriz e não puder ter relações sexuais com o marido, mas tiver tendência para adormecer e perder o apetite, verte-se, na sua zona genital, vinho misturado com mel e fazem-se-lhe fumigações com mirra. A mulher aplica óvulos sentada, misturando-lhes gordura de ganso, e introdu-los na zona genital. Faz-se-lhe um clister de azeite, misturando-se mel em quantidade igual.

16 (228 L.). Se a matriz da mulher se contrair, e o orifício da mesma ficar áspero e se fechar, e a menstruação não lhe aparecer, e ela não engravidar, mas se lhe sobrevier uma febre ligeira e sentir dores na zona lombar e no baixo-ventre – esta patologia acontece sobretudo quando algo dentro dela se deteriora e também na sequência do parto –, é necessário lavar a mulher com água quente e fazer-lhe fumigações. Quando a mulher estiver lavada e tiver recebido fumigações, há que abrir o orifício da matriz com uma sonda e aplicar a seguinte cataplasma: mói-se mirra e junta-se igual quantidade de óleo de amêndoas amargas,

¹¹⁷ A ideia de que existem febres interiores é uma crença que perdura até hoje. (JM)

ou óleo de rosas¹¹⁸, num pano. E com uma sonda de chumbo¹¹⁹ aplica-se-lhe a cataplasma, fazendo-a e modelando-a com a forma de um óvulo, e unta-se com bílis de boi, e perceber-se-á, em quatro dias, quais são as mulheres estéreis. Fazem-se-lhe fumigações e também se lhe administram purgantes.

17 (229 L.). A mulher que engorda *contra naturam* não engravida¹²⁰. O omento, na sua espessura e amplitude, pressiona o orifício da matriz, que não recebe a semente¹²¹. Há que fazer a mulher emagrecer bebendo laxantes e há que lhe aplicar uma cataplasma na matriz que limpe e a insuffle.

18 (230 L.). Ao fazer a palpação com o dedo, a mulher perceberá se o orifício ou o colo da matriz ficam duros e se a matriz se vira de lado, para cima da anca. Quando assim for, não se aplica nenhuma cataplasma áspera¹²²: na verdade, se o orifício da matriz ficar ulcerado, depois de se ter inflamado, há grande risco de a mulher ficar estéril. Aplicam-se, portanto, cataplasmas que não irrite e que limpem as secreções.

Outro tratamento: quando a menstruação aparecer a uma mulher e cessar, primeiro lava-se-lhe a cabeça e depois

¹¹⁸ *Rosa* sp. A *Rosa gallica* L. é citada por Bown (1985: 342) como sendo usada em medicina ayurvédica para tratar problemas menstruais. A *Rosa laevigata* Michx. é aplicada em problemas urinários, infertilidade e diarreia crónica. A *Rosa rugosa* Thunb. é utilizada em problemas menstruais e em combinações com outras plantas para tratar fluxos menstruais excessivos. (OP)

¹¹⁹ O texto deixa subentendido a palavra “sonda”; cf. n. 133.

¹²⁰ Cf. e.g. *Steril.* 217, *Nat. Mul.* 20. Atualmente o valor limite de Índice de Massa Corporal (IMC) para considerar um ser humano obeso é 35 IMC. A obesidade é vista ainda hoje como um fator que impede a gravidez. (JM)

¹²¹ Na verdade, o omento é exterior ao útero. No entanto, como parte da zona abdominal, pode apresentar irregularidades em caso de obesidade. (JM)

¹²² Em *Steril.* 226, recomendam-se cataplasmas “ásperas”, δριμέα.

dá-se-lhe heléboro¹²³, uma ou duas vezes, conforme necessário. A seguir, prepara-se o aparelho de fumigação usando uma cabaça¹²⁴. Feito isto, verte-se água do mar numa taça larga, lança-se alho-porro, ajusta-se o tubo da cabaça e unta-se em volta com o melhor barro possível, para não se perder o vapor. Em seguida, passa-se o tubo por um assento quadrado de vimes entrançados, de forma que exceda, no comprimento de dois dedos, o assento de vime. Em seguida, aquece-se com carvão e toma-se cuidado com o assento, quando a mulher se sentar e quando se levantar, para que não se queime; ela senta-se quando o aparelho de fumigação está ainda frio e levanta-se quando o tubo já tiver arrefecido. A mulher passa a maior parte do dia a receber esta fumigação. Recorre-se a esta fumigação por cinco dias; depois, durante dez dias, recorre-se a uma fumigação de alho, em vez de alho-porro: esmaga-se um punhado e lança-se em água do mar. Nos restantes dias, a mulher recebe fumigações de água do mar, para que não prolongue demasiado todo o tratamento.

¹²³ *Helleborus niger* L. Maior e Dobrota (2013: 273, 280) referem que as espécies de *Helleborus* são consideradas tóxicas, mas geralmente os envenenamentos estão relacionados com uma dosagem incorreta. As suas características tóxicas estão relacionadas principalmente com agliconas de esteróides cardíacos. O *Helleborus niger* L. foi usado na medicina popular para expelir muco espesso e para tratar dores nas articulações, além de ser emético e laxante. As folhas esmagadas eram usadas em medicina veterinária no Paquistão como anti-helmíntico. Estudos atuais demonstram o potencial dos seus extratos para a obtenção de drogas anticancerígenas. (OP). As suas propriedades purgativas são referidas várias vezes pelos Hipocráticos (*Vict.* 35, 73, 89).

¹²⁴ O texto refere apenas o uso de uma cucurbitácea; pela forma como é utilizada, deduzimos que seja uma cabaça, uma *Lagenaria siceraria* Molina (Standl.). Tendo este fruto uma forma extremamente variável, como diz Koffi (2009: 266), para este uso em particular deverá tratar-se de uma variedade com o fruto de forma cilíndrica ou então utiliza-se a parte mais cilíndrica (tipo gargalo de garrafa) das variedades de fruto com forma de garrafa. (OP)

Na altura da última fumigação, quando se estiver prestes a terminar o tratamento, desmembra-se um cachorrinho bem jovem, desfaz-se toda a espécie de ervas aromáticas bem odoríferas e secas, retira-se o interior do cachorrinho e recheia-se com as ervas aromáticas, acondicionando-as o melhor possível; colocam-se por baixo pedaços de madeira, mete-se o cachorrinho numa taça larga, verte-se vinho bem odorífero e faz-se a fumigação através do tubo. E tanto quanto as forças lhe permitirem, ela passará o dia inteiro a receber esta fumigação; e, enquanto se faz esta fumigação, pergunta-se-lhe se acha que a sua boca exala o odor das ervas aromáticas; na verdade, isto é, para a que está a ser tratada, um sinal nada despiciendo de que houve conceção.

Recorre-se às seguintes cataplasmas: açafraão, na quantidade que se quiser, e mirra, na quantidade de duas favas, que se misturam numa solução aquosa salgada, calculando-se a proporção, e também se junta bílis de boi, na quantidade de duas favas. Se se quiser que fique mais suave, mistura-se menos bílis; se se quiser mais forte, mistura-se mais bílis. Mói-se finamente e deixa-se cair mel, gota a gota, sobre tudo; mói-se até que a substância moída fique tal que possa ser moldada com o dedo. A preparação ficará mais seca, viscosa e melhor quanto mais tempo se moer. E com isto faz-se uma cataplasma mais espessa do que um óvulo, pontiaguda e mais espessa no meio; em seguida, introduz-se na matriz, empurrando-se com a ajuda de dois paus de orégão, com seis dedos de comprimento, preparados para ficarem macios. Depois, envolvem-se os paus com uma lã bem macia; em seguida, com um fio fino, mais comprido do que os paus quatro dedos. Derramando água sobre si própria, a mulher lava-se e aplica o melhor possível a cataplasma no orifício genital; durante a noite retém a cataplasma com um pano que coloca sob as ancas¹²⁵. Esta

¹²⁵ Cf. *Steril.* 221.

limpeza será feita com água. No segundo dia, a mulher levanta-se e lava-se e, nesse dia, não se senta para a fumigação.

Depois de a mulher receber a fumigação e de se afastar, levantando-se, prepara desde o primeiro dia um unguento de excelente qualidade e, de preferência, mistura-lhe tutano de vedado, ou gordura de ganso. Quando a mulher se tiver afastado da fumigação, levantando-se, derrama água sobre si própria todos os dias, lava-se para ir para a cama e unge, todos os dias, a matriz com o unguento. Há que misturar isto com os ingredientes acima referidos, com excepção da bílis: mói-se orégão até ficar em pó, mistura-se para se fazer um óvulo e aplica-se.

Outro procedimento: preparam-se os mesmos ingredientes da mesma maneira, mas, em vez de orégãos, mistura-se absinto¹²⁶, preparado também da mesma maneira, e aplica-se.

Outro procedimento: retira-se o cominho preto da farinha, mói-se finamente com vigor, mistura-se mel, dá-se-lhe uma forma esférica e aplica-se. Isto causa febre, inchaço nas articulações e é fortemente irritante.

Outro procedimento: ferve-se mel e desfaz-se a parte fina do heléboro negro; se for demasiado, ficará fortemente irritante; além disso, também é febrígeno.

Outro procedimento: ferve-se mel da mesma maneira e mistura-se uma taça do suco de pepino-bravo e ferve-se; faz-se um pequeno óvulo e dá-se à mulher para colocar da mesma maneira. Também é febrígeno, provoca sangue e, algumas vezes, até peles. Se se quiser, raspa-se serpentária¹²⁷ - é suave no

¹²⁶ *Artemisia absinthium* L. Bown (1985: 243) cita-a como estimulante uterina, com advertência para não ser usada por grávidas. Cunha *et.al.* (2009: 99) referem que tem ação estrogénica, antibacteriana e antifúngica, sendo usada nas perturbações do ciclo menstrual, como a amenorreia e a dismenorreia; o seu consumo prologado causa toxicidade devido à presença de tuionas (absintismo). (OP)

¹²⁷ *Dracunculus vulgaris* Schott. É tóxica (irritante para a pele), pode

Williams Obstetrics, 21 st Edition. New York, Chicago, Lisbon, *et alibi*: McGraw-Hill.

Seeley, Rod; Stephens, Trent; Tate, Philip (2008⁸). *Anatomy and Physiology*. New York: McGraw-Hill.

DICIONÁRIOS (EM PAPEL E SUPORTE INFORMÁTICO)

Bailly, A. (*s. d.*). *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette.

Chantraine, Pierre (1999). *Dictionnaire étymologique de la langue grecque – histoire des mots, avec un Supplément*. Paris: Klincksieck.

Liddell-Scott-Jones (2011). *The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English* in Thesaurus Linguae Graecae.

Littré, Emile (1873). *Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie, de l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent...* 13e édition, entièrement refondue par E. Littré et Ch. Robin,... Paris: J.-B. Baillièrre. <http://www.biusante.parisdescartes.fr/histoire/medica/resultats/index.php?p=636&cote=37020d&do=page> (janeiro de 2017)

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibíades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).

21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrío. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquíledes. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecífrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calíroo*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia.* Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

O presente volume contém uma tradução, com uma breve introdução, de cinco tratados hipocráticos de temática ginecológica. Acompanham a tradução notas botânicas e médicas, atualizadas, da autoria de especialistas nas respetivas matérias. Os temas dos tratados são os fetos e a infertilidade das mulheres. A propósito daqueles fala-se de partos difíceis e de nados mortos; e sobre a infertilidade referem-se processos para detetar uma gravidez e descrevem-se procedimentos para promover a fecundação e limpar a matriz em caso de aborto. A equipa que se reuniu para levar a cabo este volume procurou apresentar os tratados hipocráticos com os olhos de Ontem e de Hoje, de forma que se avalie a presença de ideias fantasiosas advindas de um saber oral, de simbologias, de ligações rituais e, ao mesmo tempo, a presença de procedimentos cientificamente válidos.